

## PREÂMBULO

### DESPRENDIMENTO

Somos, tornamo-nos reféns de situações, sentimentos – geralmente ligados ao passado – de insegurança, ódio, perdas, traumas, ressentimentos. Julgamo-nos vítimas de alguém ou das circunstâncias, exigindo, para tal, condenação, reparação. Optamos por viver, conviver com iras, saudades, neurastenia, direitos pretensamente lesados. Simplesmente prisioneiros de nós próprios, de nossas limitações, de nossa reduzida, caprichosa visão, enfiando-nos, confinando-nos em perniciosos calabouços mentais, por nós mesmos erguidos.

Necessitamos nos reeducar, permitir a expansão da mente, da sensibilidade, da espiritualidade, retirando o foco de sentimentos limitadores, autodestrutivos, corrosivos, estéreis. Estarmos despertos, termos metas evolutivas sadias. Obstáculos, enfim, são pertinentes às jornadas.

Não é fácil desatarmos amarras de sofrimento, mas pior é conviver doentamente com elas. Afinal, somos agentes de nosso destino, cabendo-nos a responsabilidade criativa, consciente de conduzir, a bom termo, a caravana existencial. Segundo religiosos, embora haja injustiças, não há injustiçados. O que ocorre conosco é produto de causas inerentes à evolução espiritual, que, por vezes, não sabemos lidar, valorizar. Concedemos excessiva energia, importância em bens, conceitos, valores efêmeros que acabam por nos enovelar, nos reter na roda da vida.

O Evangelho nos prescreve uma receita mágica: perdão – perdão ao outro, perdão a nós mesmos. O propósito real de mudar o foco, de caminhar, buscar novos rumos, de saber lidar com o mundo, estar bem com o mundo, sem ser do mundo. Desapego, segundo os orientais. Renunciarmos, abriremos mão daquilo que é passageiro, circunstancial, de forma a descerrarmos as portas da tranquilidade, da liberdade.

Não serão acomodações, lamúrias, mágoas, culpabilização de alguém, vitimismos, rosários de queixas, prestidigitações, passes de mágica, que farão as coisas melhorarem...

### Línguas e linguagem

Expedições históricas pelo sertão brasileiro deixaram heranças marcantes não apenas nos registros históricos - mas também no cotidiano corrente. Ainda hoje, traços linguísticos da comunicação bandeirante são percebidos no interior de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Fenômeno pesquisado pelo professor de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), Heitor Megale.

Pág. 04

### A desbravadora da Amazônia

Durante mais de 30 anos, Margaret Mee viajou rios e afluentes do Amazonas. Apaixonada, estudou a Floresta Amazônica como poucos e, não bastasse isso, immortalizou milhares de plantas em pinturas a guache que se transformaram em um dos acervos mais importantes do mundo.

Pág. 09



### I Guerra e Literatura

Qual a relação entre um dos maiores e mais sangrentos conflitos mundiais e a saga "O Senhor dos Anéis"? Pode parecer que não, mas existem ligações interessantes ali.

Pág. 10

### Cemitério de Carros

Mas, no fundo, cada modelo tinha um significado para quem foi seu dono. Embora não se visse essas imagens, entendia-se que tudo o que foi construído um dia estava ali dentro sepultado. Lugar silencioso como se fossem túmulos.

Pág. 11



# AO PÉ DA FOGUEIRA

## O VENDAVAL

Devia já - e bastante, uma nota - no bar mercearia do sr. Jairo Navarro, por ele frequentado amiúde. Pinga, doses e mais doses de pinga, acompanhadas de tira-gostos, as quais mandava sempre debitar, “dependurar”, sob a promessa de pagamento a qualquer instante.

Morador na zona rural, sempre tinha, como engodo, o anúncio, tapeação, a velha conversa de “empreitos” de roçação de pastos, de plantio de lavouras, de reparos de tapumes para fazendeiros da região - e assim que tivesse os “cobres” na mão, pagaria tudo. Inclusive com juros, não ficaria devendo nem obrigação. Uma lengalenga antiga, aquela cantilena destoada, desafinada. Reformava e construía cercas, limpava pastagens, furava silos e cisternas, trabalhava a dia para vários, recebia o dinheiro das empreitadas e jornadas, é o que se ouvia dizer. Jairo e demais credores, porém, ficavam na saudade, simplesmente a ver navios.

Trabalhador braçal, daqueles embromadores, via-se nele, contudo, dolorosamente, a pele maltratada, cobreada, pálida, os pelos da barba por fazer, cabelos sujos, pegajosos de poeira. Quando bebia muito, era dos mais problemáticos. Daqueles bêbados cambaleantes, corpo intoxicado de álcool, a emanar cheiro desagradável por todos os poros. Bafejos de suor, misturados a aguardente, que impregnavam o ambiente como uma cola açucarada a se grudar em tudo e em todos à volta. Era aquele odor de terra azeda, fermentada, de folhas e húmus em decomposição... E como tantos outros espíritos alquebrados pelas vicissitudes, vícios e durezas da vida, era visto, por vezes, com ataduras, quiçá ossos quebrados, produto de suas bebedeiras e quedas pelas ruas e ruelas.

Até que Jairo, embora com toda a sua apurada, proverbial educação, sua toda conhecida urbanidade, gentil homem e cavalheiro que sempre fora, cidadão extremamente caridoso, lá um belo dia, perdesse a paciência, as estribeiras. O balde, enfim, entornara. Fiado para o sr. SM, enquanto não acertasse todo o atrasado, o dependurado - aliás uma considerável quantia, acumulada durante anos - estava suspenso, ainda que fosse uma bala, um chicletes.

Certa tarde, sol ainda rachando mamona, o bebum de ocasião e de sempre, adentra, uma vez mais, o estabelecimento de Jairo. Recinto cheio. Olhos estatelados, trê-

mulo, roupas e cabelos em desalinho, toda a encenação possível, mais parecia um espectro tumular, aproximou-se do balcão, com especial alvoroço:

- Tô chegando, às pressas, às doidas, lá do Monte Pio. Minha gente, vancês não vão acreditar, passou por lá um vendaval, um furacão de todo tamanho: arrasou casas, lavouras, derrubou matos, matou animais, feriu ou até matou gente também... Sai às carreiras... tô num desassossego tal, num redemoinho de cabeça, num ressecamento por dentro, num desassossego, que preciso beber alguma coisa...

Corpo já encostado, ou melhor adentrando já o balcão, o esgar típico de amigo da “branquinha”, garrafas praticamente à mão, tenta convencer o proprietário, a essa altura, ressabiado, momentaneamente, na defensiva:

- Uma dose aí, são Jairo, por favor... preciso me assossegá, me desentalá... Com esse susto que passei, o sr. bem pode imaginar como estou... Rogo-lhe por misericórdia...

A essa altura, o corpo praticamente dentro do balcão. A um passo da prateleira, as mãos já tocando, tateando as garrafas.

A encenação, o falatório, o rogado, contudo, não funcionaram. Jairo não se deixou amolecer. Fez ouvidos de mercador à fantasia histórica.

- Ah, são SM, esse seu vendaval passou por aqui também. Chegou antes, muito antes do amigo. Quase que ele derruba a torre da igreja, mas deixou um recado de que está andando nego artiloso na praça, prosador de primeira, embromador, aquela prosófia e enrolação de sempre, só para não pagar conta...

E, num átimo, ainda que com sutileza, pôs o bebum para fora do balcão. Para todos quantos o conheciam, foi a única vez que Jairo Navarro - sempre atencioso, benevolente, um dos homens mais caridosos que a comunidade já conheceu - não deu o braço a torcer. Com o cidadão SM, as medidas tinham realmente entornado...



### NOTA

*Sobre o sr. Jairo Navarro de Castro, famoso comerciante local, ver matéria em nosso boletim nº .... O sr. Jairo passou à história como pessoa benevolente, caritativa, cordata, refinada, sóbrio nos negócios, sumamente educado, prestando as mais relevantes lições de benemerência aos moradores e clientes, em especial as famílias mais pobres. Motivo ainda hoje de total reverência e gratidão por nossa população. Vendia fiado a todos, tendo perdido bastante com “fintadores”. Mesmo assim, em casa onde houvesse crianças, viúvas pobres, idosos, jamais deixou de fornecer a crédito, na caderneta. Mesmo sabendo que não iria receber, o pão estava garantido para os mais carentes. Uma lição de benemerência e caridade dignas de um autêntico cristão!*

# O horizonte da língua bandeirante

*Pesquisa mostra o português antigo, que saiu de São Paulo no século 17 e ainda sobrevive na linguagem cotidiana de outros Estados*



Encontro de Monções no Sertão, de Pereira da Silva: nessas reuniões eram trocadas informações e palavras

Caçadores de ouro, domadores de índios, engolidores de matas: os mamelucos de São Paulo de Piratininga avançaram sertão adentro no entardecer do século 17. Com arcabuzes, alfanjes e uma bandeira puída, abriram caminho no mato, enquanto arrasavam aldeias, pedras preciosas, missões jesuítas e quilombos. Os bandeirantes eram mercenários sem escrúpulos, mas heróis da geografia e da língua. Ampliaram as fronteiras do país e os sinais de sua influência proliferaram até hoje nas culturas e línguas locais.

É com essa certeza que um grupo de estudiosos do idioma se largou pelo interior de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás para fisgar vestígios sertanistas na fala brasileira. Professor de filologia e língua portuguesa da Universidade de São Paulo, Heitor Megale é o bandeirante da nova expedição com seu projeto Filologia Bandeirante, que contou com apoio da FAPESP. “Na rota sertanista surgiram muitos vilarejos. Alguns viraram cidades, como Cuiabá. Após o fim do ciclo do ouro e da escravidão, muitos permaneceram isolados, parados no tempo”, explica. “Com seus costumes, manifestações culturais e religiosas, mantiveram a variante linguística da época colonial ou, pelo menos, alguns traços dela.”

O projeto buscou colher vestígios da língua da colonização, que permaneceram ou sofreram variação. A ideia é flagrar a herança oral de lugares fundados por sertanistas ou que surgiram com seu avanço. “Não há rota de colonização mais importante com movimentação demográfica contínua por mais de meio século”, confirma Megale. “É possível, por isso, encontrar traços de camada linguística antiga, que se expandiram, chegaram a escritos e acabaram restritos à fala rural.”

Os pesquisadores tiveram como base o roteiro da marcha de 1674, iniciada pelos 40 homens liderados por Fernão Dias Paes. O trajeto original foi uma aventura sem par. Fernão Dias era um veterano de 65 anos quando chefiou uma imensa monção atrás de prata e esmeraldas. Saiu de São Paulo até as cabeceiras do rio das Velhas (MG), atravessando a serra da Mantiqueira. Fez pouso em arraiais como Ibituruna, Sumidouro do Rio das Velhas, Esmeraldas, Mato das Pedreiras e Serro Frio, futuros núcleos do povoamento de Minas.

Do rio das Velhas, atravessou o Vale do Jequitinhonha, até a Lagoa de Vupabuçu, onde ele encontrou pedras verdes após sete anos de trilha. Eram meras turmalinas, sem valor. Mas o caminho aberto por Fernão Dias lançou as bases de expedições que descobririam ouro

em Minas. “Em torno dessa trilha, priorizamos os caminhos usados à exaustão na caça ao ouro dos séculos 17 e 18”, diz Megale. O grupo retomou a rota, ao máximo oeste (na baixada cuiabana) ao extremo norte, em Niquelândia (Goiás), Sumidouro e Diamantina (MG). “Incluímos locais de outras incursões e evitamos pontos com forte influência moderna, como Ouro Preto”, completa um dos integrantes do projeto, Sílvio de Almeida Toledo Neto.

Além de Cuiabá, a equipe passou pela picada de Goiás, por Pacaratu e Catalão. A equipe de 19 pesquisadores trabalhou em duas frentes. Um esforço foi o de coletar os traços da fala identificáveis em documentos da época. O outro foi gravar a conversa com analfabetos idosos das regiões. Com isso, querem tabular marcas orais não pertencentes ao português-padrão para verificar o que se reteve do arcaico. “É na comparação entre os dados de época e a fala dos informantes que está a raiz do Filologia Bandeirante”, diz Toledo Neto.

Como não há banco de dados da fala da época que vire referência para a pesquisa de campo, o primeiro ato da equipe de Megale foi procurar a base em documentos do século 17. Foram caixas com centenas de documentos cartoriais. “Inventários de testamentos, cartas e relatórios de entradas para o sertão costumavam transcrever as comunicações orais do povo”, relata Toledo Neto. Em Taubaté, o Arquivo Histórico mantém ofícios das entradas como as de Borba Gato e Amador Bueno, no século 18. “Protestos, causas cíveis e pregões são as notícias indiretas da língua falada no período.”

Ao todo, são 975 folhas e cópias de manuscritos dos séculos 17 e 18, além do arquivamento digital de documentos mais antigos, de 1723. A esse volume, juntaram-se dezenas de minidiscos (MD) de 74 minutos com as entrevistas de idosos analfabetos, arquivos ambulantes de um modo de falar remoto, popular, menos influenciado pela oralidade contemporânea.

Quanto mais longínquo o lugar, melhor para o projeto. No interior de Minas, 12 rincões foram varridos pela equipe de Maria Antonieta Cohen. Em São Paulo, foram seis localidades, enquanto em Goiás a equipe de Maria Sueli Aguiar percorreu 14, duas a mais do que o grupo de Manoel Mourivaldo Santiago

Almeida, em Mato Grosso.

As escolhas em São Paulo foram estratégicas. O movimento demográfico para o sertão de Cataguá, como na época se chamava a região em que se entrava, seguia pelo Vale do Paraíba até Pinheiros, após atravessar as gargantas da Mantiqueira. “Assim, a região de Taubaté e Cunha nos interessou, pois era caminho para atravessar a Mantiqueira e para o retorno do ouro à casa de fundição em Taubaté ou em Parati”, descreve Megale.

Em cada recanto, o cuidado de selecionar os entrevistados a dedo. “Nós nos preocupamos menos em ter um número grande de informantes do que com o valor de um único registro de qualidade”, defende Megale. Sua equipe souou para encontrá-los. “Tínhamos de andar muito e conversar com o máximo de moradores do lugar, tudo à margem das instituições, como a prefeitura, a Igreja ou a Emater”, lembra. “Quando acionávamos alguém da prefeitura, nos enviavam as pessoas que falavam ‘errado’, mas tinham escolaridade e usavam gírias adquiridas com a TV.

“Foram inúmeras entrevistas antes de fechar o cerco em nomes como os mineiros José Felipe dos Santos, de 72 anos, de Ibituruna; Maria Cristina Reis, de 86, em São Tiago, e, em Bom Sucesso, José Pedro de Oliveira, com 92. O que encontraram deixou os pesquisadores boquiabertos. “Flagramos traços que nunca pensamos existir”, lembra Megale. “Uma das riquezas da pesquisa é o encontro com pessoas que vivem sem água encanada ou esgoto e padecem de problemas vitais já resolvidos nas cidades. No entanto, elas logo se põem à vontade, como se fossem amigos de infância”, continua. “É um encontro com um tipo de brasileiro que a vida urbana consideraria o passado, em seu modo de agir e falar.”

O trabalho preliminar da equipe começou em 1997, com mapeamento e seleção de localidades, e a pesquisa de campo avançou pelo ano passado. A parte “braçal” do projeto se encerra em 28 de fevereiro deste ano, mas a análise e tabulação dos dados, assim como a publicação do trabalho, avançarão até 2003. Resultados, no entanto, não faltam. Durante a pesquisa, foram encontradas desde palavras obsoletas às pronúncias de herança paulista em território mineiro, goiano e matogrossense. “Todos devem ter sido incorporados após a expansão bandeirante”, acredita Megale.

Há termos esquecidos, como “mamparra” (fingimento), flagrado na boca de José Pedro de Oliveira, em Minas, e em informantes paulistas. Pronúncias típicas do século 17, como em “tchapéu” e “tchuva” ou o ditongo nasal [õ] por [ãw], como em “mão” [mõ], “muntcho”, por “muito”, que se apagaram mesmo em cidades do interior, e hoje ainda se realizam no Norte de Portugal, são ouvidas no interior de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

No sul de Minas e no interior paulista, encontraram-se expressões como “dá uma esmolna pol’amor de deus”, que remontam ao português do século 13, em que o atual “esmola” era tomado por “eleemosyna”, depois “esmolna”. Muitas palavras obsoletas estão em uso. Em Minas, há “demudar” usado no lugar de “mudar”, assim como, em vez de “possuir”, a preferência por “pessuir” ou “pessuido”, do século 18. O também obsoleto “despois”, em uso no sul de Minas, remonta a obras arcaicas, de uso culto nos séculos 15 e 16.

“Preguntar”, usada no século 17 alternadamente com “perguntar”, também foi encontrado. São do português arcaico do século 13 a meados do 16 que remontam as formas “quaje” ou “quage” (o atual “quase”), “quige” (“quis”), “fige” (“fiz”). Os sufixos de derivação, como em “mensonha” (que remonta ao século 13) e “mentireiro” (Gil Vicente), sinônimos de “mentira” e “mentiroso”, ainda hoje pontuam a fala interiorana, preservada pelos informantes do Filologia Bandeirante.

Embora tudo deva ser editado até 2003, alguns dos subprojetos do temático central já começam a ser publicados, com resultados interessantes para os especialistas. A meta do grupo de Megale, ao final, é mostrar que uma camada antiga da língua sobrevive em outros pontos do país como herdeira da São Paulo colonial. “Tudo leva a crer que a língua que foi para lá, saiu de São Paulo”, afirma ele. “O fato é que há marcas históricas de uma língua ao longo das trilhas das bandeiras auríferas que partiram de São Paulo, percorrendo os velhos caminhos dos índios e abrindo outros”.

## LINGUAGEM BANDEIRANTE AINDA É UM MISTÉRIO

A linguagem de época é um problema para quem pesquisa os bandeirantes. Primeiro, não há descrição exaustiva da língua falada no século 17. Segundo, o português usado pelos bandeirantes ainda é cheio de mistérios. A língua tupi reinava nos primeiros séculos de Brasil. Os colonizadores só se impuseram no litoral no século 17 e, no interior, no 18. O mais português dos sertanistas tinha de usar uma fala mista, de base tupi, chamada língua brasílica ou geral.

Do século 17, acredita-se que só dois de cada cinco moradores da cidade de São Paulo falavam português. Segundo Bruno Bassetto, em Elementos de Filologia Românica, em meados do século 18 a língua em comum ainda era o tupi: só um terço da população usava o português, além do tupi. “Índias casadas com brancos eram excluídas da alfabetização, mas suas crianças ficavam expostas à língua materna. Já os bandeirantes precisavam ser bilíngües para tocar os negócios”, diz o professor Silvio Toledo Neto.

O projeto de resgatar os traços de linguagem deixados pela rota dos bandeirantes pode ser um passo decisivo na reconstituição do idioma. “A história da língua antiga está sendo feita agora por iniciativas como essa”, relata Heitor Megale. “É preciso cercar o objeto de várias formas. Deixar os dados falarem, pelos documentos cartoriais e pelos resquícios encontrados na fala de hoje”, completa Toledo Neto.

Os documentos encontrados pela equipe de Megale são reveladores da condição da língua do período. “Não há outra língua que não o português nos documentos, uma indicação de que os bandeirantes dominavam até a escrita. Havia assinaturas de ‘entrantes’ e transcrição de suas falas pelos tabeliões, nos livros de registros”, diz Megale.

O próprio termo “bandeirante” é controverso. Documentos confirmam que não se designavam como tal. O movimento de ida para o sertão era chamado “armação”, “entrada”, “jornada” ou “tropa”. Só ganhou o termo “bandeirante” no século 19, por iniciativa de historiadores e escritores.

### O PROJETO

Filologia bandeirante: projeto temático de equipe em Filologia e linguística portuguesa (nº 96/01265-0);

**Modalidade** Projeto temático;

**Coordenador** Heitor Megale – Universidade de São Paulo.



# OS ESTARRECEDORES NÚMEROS DA ECONOMIA MINEIRA

Não é das melhores a situação das contas públicas, apenas para não se dizer que são de descalabro. A do Brasil, nem se fala<sup>(1)</sup>. As perspectivas, a curto, médio e longo prazos, quer para o País, quer os Estados da Federação, dentre eles Minas Gerais, se não forem tomadas providências imediatas, corretas e enérgicas, são devastadoras. Especialistas e empresários, quando consultados, têm manifestado enorme preocupação a respeito.

Trata-se de um Estado (Minas Gerais) com enorme extensão territorial, com o maior número de municípios do País (temos hoje 853 municípios no Estado) e com significativas diferenças entre suas regiões. Temos perdido importância econômica e política no cenário nacional. Recompôr as contas públicas e prover o desenvolvimento sustentável de Minas são tarefas complexas, desafiadoras, em especial para os novos governantes a partir de 2019, exigindo responsabilidade, boa gestão, moralidade, o equilíbrio fiscal e oxigenação da administração estatal.

Perdemos, no caso específico de Minas, competitividade em diversos segmentos econômicos. Temos uma folha de pagamento da ordem de R\$ 2,4 bilhões mensais, para o que é usada TODA a arrecadação do ICMS para quitar a conta. E, ainda assim, os salários dos funcionários estão sendo pagos parceladamente, gerando desconforto e insatisfações. NADA sobra para investi-

mentos em saúde, educação, infraestrutura (estradas, ferrovias etc.) indispensáveis ao desenvolvimento social e humano do Estado.

A realidade da economia mineira – que já foi a segunda do País – é caótica, indigesta. Mudanças e inovações se fazem urgentes, em especial para os administradores a partir de janeiro de 2019. Uma crise que perdura há décadas... A Previdência Social, que arrecadou R\$ 5,5 bilhões em 2017, pagou R\$ 22 bilhões. Simplesmente um rombo anual de R\$ 16,5 bilhões nas contas públicas. Todo o superávit fiscal do Estado vira, num piscar de olhos, gigantesco déficit orçamentário com os custos da previdência. Nossa carga tributária é sobremaneira alta e um grande problema para a competitividade do setor produtivo-contributivo.

A dívida do Estado para com a União é hoje motivo de ação judicial junto ao Supremo Tribunal Federal-STF. Minas Gerais, segundo cálculos de seus técnicos, tem a receber cerca de R\$ 4 bilhões, a título de compensação/repasse da Lei Kandir. Ao final, o Estado afirma ter a receber cerca de R\$ 135 bilhões do governo federal, o qual estaria retendo, igualmente, recursos da DRU-Desvinculação das Receitas da União cerca de R\$ 1 bilhão e ainda mais R\$ 1 bilhão pela reclassificação do FPE-Fundo de Participação dos Estados nos últimos 5 anos.

O Estado, dada a crise econômica, deve hoje em torno de R\$ 8,1 bilhões aos municípios – não repasse (retenção) de valores, gerando

desgastes na relação com os prefeitos municipais e prejudicando gravemente os serviços de saúde (cerca de R\$ 4 bilhões em atraso), educação, transporte escolar etc. Repasses de ICMS, IPVA, FUNDEB (cerca de R\$ 2 bilhões), multas de trânsito, em tudo os municípios estão a ver navios, tornando dramática a situação de cerca de 90% deles, que dependem /sobrevivem das transferências de recursos estaduais e federais. Muitos das prefeituras sequer terão disponibilidades para quitar o 13º de seus servidores. Outras, tamanho o caos, sequer estão pagando seus funcionários em dia.

A crônica situação fiscal estadual é antiga. O governo Pimentel recebeu o Estado com um déficit de R\$ 8 bilhões, herdado de administrações anteriores. Os gastos com pessoal saltaram de 22,2% da despesa bruta em 2010 para 43,4% em 2015 (lembrando que o governo anterior Antônio Anastasia/Alberto Pinto Coelho concedeu aumentos em 2014 aos servidores e a serem pagos/assumidos, a partir de 2015, pelo governo Pimentel. Coisas da política e da administração pública brasileira...).

O déficit fiscal em 2017 foi de R\$ 9,7 bilhões. A folha de pagamento de pessoal e encargos em 2017 (R\$ 42 bilhões) correspondia a 50% da receita corrente líquida, portanto acima da Lei de Responsabilidade Fiscal. Desde 2009, a folha de pagamento

subiu 163% e a receita 114%. Contas que não fecham. Os gastos com aposentados correspondiam a 47% da folha de pagamento. A administração Pimentel afirma ter contido o déficit fiscal, além de manter os serviços essenciais à população. Em 2017, em meio à crise de desemprego que tomou conta do País, Minas foi o 3º Estado que mais criou postos de trabalho (142.296 vagas – fonte CAGED). Informa ainda que, entre 2015 e 2017, 77 novos empreendimentos se instalaram em Minas Gerais, com investimentos da ordem de R\$ 5 bilhões e com 10 mil empregos diretos gerados.

Providências – Segundo especialistas, inadiáveis providências se fazem necessárias: Saneamento das contas públicas; Mudança do modelo de desenvolvimento estadual, com incentivos às empresas mineiras e não apenas às empresas de fora; Apoio às empresas de manufaturados e de transformação tecnológica; Reforma tributária (hoje meramente arrecadatória, “extrativista”, priorizando o contribuinte “que pode pagar” e portanto não compromissada com o desenvolvimento integral do Estado); Integração da economia mineira ao(s) mercado(s) interno, nacional e internacional; aumento da qualidade, eficiência das empresas estatais e dos serviços públicos: Ampliação do portfólio das commodities mineiras (queijos, frutas típicas, cachaça, artesanato etc.).

## *Empresários e técnicos consultados sugerem, em suma, iniciativas essenciais e inovadoras como:*

- Um novo modelo de Estado e de administração, pois o atual está ultrapassado (fundamental a diminuição da burocracia – reforma administrativa com a redução do custeio da máquina pública, introdução de novas tecnologias, de forma a sobrar recursos para investimentos em infraestrutura – uma administração eficiente (redução de gastos), eficaz (melhoria na aplicação dos gastos).
- Fomento(s) à atividade econômica (o Estado como indutor do desenvolvimento econômico e não como “atrapalhador” e “sugador”).
- A desoneração fiscal, em especial para micro e pequenas empresas.
- O envolvimento/participação das entidades representativas do setor privado e da sociedade civil.
  - Melhoria da segurança pública.
  - Fortalecimento da balança comercial.
  - Inclusão de produtos de base tecnológica que tenham valor agregado (incentivos a startups, robótica, indústria 4.0), além das commodities agrícolas e minerais.
  - Desenvolvimento inclusivo, sustentável (planejamento estratégico).
  - Projetos de formação de empreendedores,

de valorização da produção (ex. agronegócio, turismo rural, agroindústria, artesanato etc.), de melhoria e diversificação de renda, de geração de empregos.

- Apoio ao produtor e empreendedor – financiamentos com a desburocratização dos processos de concessão/liberação de recursos.
- Projetos alternativos: apoio às fontes de energia renováveis (fotovoltaica, biomassa, etanol, biodigestor etc.) e outros como produtor de água, incluindo barramentos, fortalecimento de lençóis freáticos etc.

Os tempos atuais exigem gestores éticos, transparentes, comprometidos com a causa pública, cientes e conscientes de que o Estado e o governo devem servir à sociedade e não o contrário, como acontece desde o Brasil Colônia. Há uma cultura nefasta, criminosa de se apropriar e utilizar os recursos públicos em benefício próprio e de grupos políticos, familiares e econômicos. Faz-se inadiável “desprivatizar” – quem sabe dedetizar – o Estado, ou seja impedir que ele continue servindo exclusivamente a políticos, a partidos, a apadrinhados e oportunistas de toda sorte. Gente que se apoderou perversamente do Poder!

### NOTAS

(1) O Brasil atravessa, desde 2016, uma de suas mais longas, intensas e graves crises econômicas de sua história. São já três anos seguidos de efetiva recessão. Com o crescimento em torno de 1% em 2017, o País ainda ficou muito distante (abaixo) do crescimento mundial do período, que ficou em 3,8%. Pelo 8º ano consecutivo, desde 2012, as projeções – lastreadas em dados do FMI – indicam que o crescimento econômico do Brasil é inferior à média mundial. O quadro, lamentavelmente, tende a se deteriorar, a cada ano, nos distanciando mais e mais do mundo desenvolvido, ou seja, registrando desempenho econômico muito inferior à média mundial. Só sairemos da monumental crise se contarmos com administradores responsáveis, idôneos que promovam ajustes fiscais, uma nova ordem econômica, o resgate dos investimentos tão imprescindíveis à nossa recuperação a médio e longo prazos.

(Fonte – Revista “Mercado Comum”, ano XXVI, n. 275, agosto/setembro 2018)

# O SESMEIRO DOMINGOS JOÃO FREIRE

Domingos João Freire foi um dos primeiros sesmeiros das terras concedidas pelo Governo Colonial na Picada de Goiás, região então denominada “Paragem de Santo Antônio do Rio do Peixe” ou simplesmente “Paragem do Rio do Peixe”, área(s) que hoje compõem os municípios de São Tiago e Ritópolis. Sua sesmaria foi concedida em data de 25-04-1747; nessa mesma época, foram liberadas inúmeras outras sesmarias em nosso meio, na Paragem do Rio do Peixe (hoje município de São Tiago), como as de José Manuel da Rosa (Pe), Antônio Monteiro, Domingos Monteiro, Domingos da Costa Afonso, Veríssimo Gonçalves Ribeiro, Antônio Rodrigues, Manuel Ribeiro de Sousa, Manoel Gonçalves etc.<sup>(1)</sup> Sabe-se documentalmente que as primeiras sesmarias concedidas pelo Governo Colonial na “Picada de Goiás”, em sua maioria, situavam-se entre os rios do Peixe e Jacaré, territórios hoje, em sua maioria, do município de São Tiago<sup>(2)</sup> com superposições/extensões no atual município de Ritópolis (Sobre sesmarias em áreas do município de São Tiago ver matérias em nosso boletim nº CXV - abril/2017, ano X, pags: 10 a 15 e boletim nº CV - junho/2016, ano IX, pag: 06 e 07.

Domingos João Freire era paulista (ou português), casado com Anna Maria da Silva<sup>(3)</sup>, filha de Sebastião Francisco da Silva e Luzia Leme de Godoy, sendo moradores no “sul de Minas”, região hoje compreendida entre os municípios de Ritópolis e São Tiago. A maioria dos filhos do casal foi batizada na capela de Santa Rita do Rio Abaixo, então já existente<sup>(4)</sup> porquanto a capela de São Tiago Maior e SantAna somente seria edificada a partir de 1761.

Em 1771, o casal João Domingos Freire e Ana Maria da Silva eram já falecidos, conforme consta na certidão de casamento de sua filha Mariana Joaquina da Silva (Projeto Compartilhar - família Maria Alves de Porciúncula).

**O FILHO HOMÔNIMO** - Um de seus filhos, o mais velho, Domingos João Freire, (homônimo do pai) casou-se três vezes:

- a 1ª, em 1752, com Escolástica da Fonseca, natural de São João de Atibaia (SP), filha de José da Fonseca Araújo, natural do Porto e Dª Anna Borges da Silva.

Filhos do casal Domingos João Freire (em seu 1º matrimônio) e Escolástica da Fonseca: 1. Ana Maria de Jesus casada aos 11-01-1775 na capela de São Tiago, com José de Almeida e Silva, filho de Domingos da Costa Afonso e Maria de Almeida e Silva, proprietários da Fazenda do Capão Grosso e doadores de gleba à capela de São Tiago (1766). Quase todos os filhos do casal José de Almeida e Silva e Ana Maria de Jesus foram batizados e/ou se casaram na capela de São Tiago (Projeto Compartilhar - Família Costa Afonso) Ver matérias em nosso boletim nº CV - junho/2016, ano IX, pag 07 e boletim LXI, ano VI, outubro/2012, pag 06 e 07.

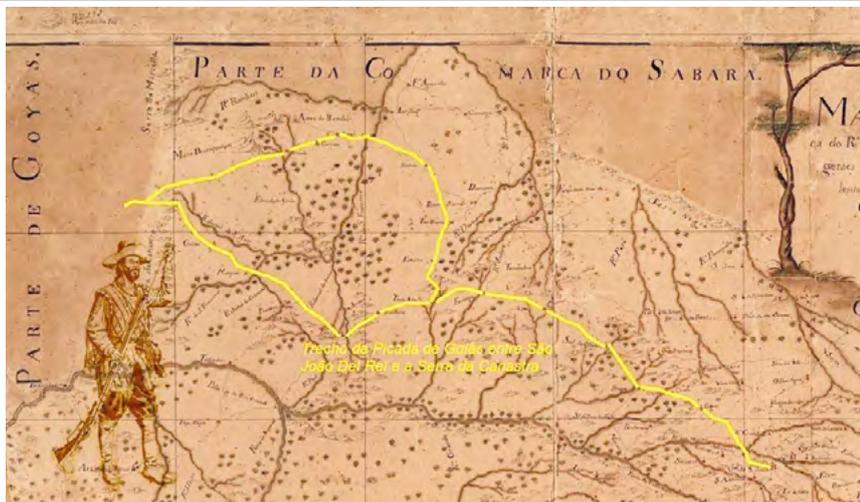
José de Almeida e Silva foi batizado na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) aos 14-02-1746 (conforme certidão no inventário do pai).

2. Gertrudes Maria do Nascimento casada aos 30-01-1777 em Carrancas com João Rodrigues Barreiros, filho de Domingos Rodrigues Barreiros e Jacinta Bernarda da Fonseca. Gertrudes Maria do Nascimento faleceu aos 28-02-1788, sendo sepultada na ermida de São Bento de Campo Belo (Projeto Compartilhar - Domingos Rodrigues Barreiros).

3. João da Silva Freire casado aos 18-11-1782 na ermida São Bento de Campo Belo, freguesia de Nossa Senhora de Carrancas e Sant'Ana de Lavras, com Rita Luiza Gonçalves, filha do Cap. Gonçalves da Silva e Bárbara Maria.

- As 2ªs núpcias de Domingos João Freire (filho) ocorreram em São João del-Rei aos 30-01-1777 com Maria Josefa do Nascimento, filha de Domingos Rodrigues Barreiros e Jacinta Bernarda da Fonseca. Dª Maria Josefa viria, igualmente, a falecer, sendo sepultada em São João del-Rei (família Rodrigues Barreiros).

- Casou a 3ª vez na igreja de Santo Antônio (Campanha) aos 26-06-1793 com Luzia Maria de Lima, batizada em Carrancas aos 23-09-1737, filha do Cap. Antônio Barbosa (Barreto) de Lima e Ana Moreira Barbosa, naturais da freguesia de Carrancas das Lavras (Projeto Compartilhar - família “Gaspar João Barreto, o filho / Ana Maria da Silva - Aportes à genealogia paulistana no sul de Minas).



## NOTAS

(1) A primeira sesmaria oficialmente concedida em nossa região na chamada “Picada de Goiás” foi a de Roque de Souza em 1737, situada no lugar “Almas”, no Rio do Peixe, divisas entre os atuais municípios de São Tiago e Ritópolis (ver matéria em nosso boletim nº CXIV - março/2017, ano X, pags 10 e 11 e boletim CV - junho/2016, ano IX, pags 05.

(2) “O roteiro da Picada de Goiás (1736) teve seus trabalhos de abertura iniciados em Santa Rita do Rio Abaixo (atual Ritópolis), local situado entre o rio das Mortes e o rio do Peixe. Ela adentrava pela comarca do Rio das Mortes, criada em 1714 e passava pela comarca do Rio das Velhas também criada em 1714. Foi a partir do ponto de abertura que a distribuição de sesmarias foi iniciada, sendo a primeira assinada em 29 de março de 1737 no nome de Roque de Souza. A concessão foi no rio do Peixe chegando ao riacho da Barra” (Ana Maria Nogueira de Rezende – “Fluxos globais no século XVIII – a produção do modus vivendi e operandi no entorno da Estrada Real Picada de Goiás” Belo Horizonte, UFMG, 2017, p. 79).

(3) O casal Domingos João Freire e Ana Maria da Silva teve os seguintes filhos: 1. Domingos João Freire (dados acima anotados); II José, batizado na capela de Santa Rita do Rio Abaixo aos 17-12-1738, sendo padrinho Domingos Monteiro, outro sesmeiro da “Picada de Goiás”, região da “Paragem do Rio do Peixe”; III – Antonia, batizada na capela de Santa Rita do Rio Abaixo aos 30-06-1740; IV – Antônio, batizado na capela de Santa Rita do Rio Abaixo aos 11-05-1747; V. Jerônimo, batizado aos 09-10-1748 na capela de Santa Rita do Rio Abaixo, sendo padrinho Sebastião Ferreira Leitão (tio e mestre de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, na profissão de dentista); VI. Mariana Joaquina da Silva casada na Igreja de Nossa Senhora das Mercês em São João del-Rei aos 11-02-1771 com Manoel de Ávila Fagundes, batizado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas aos 12-11-1741 (família “Maria Alves de Porciúncula”); VII. Germano José da Silva Freire casado em Carrancas, por volta de 1776, com Maria de Nazaré, batizada aos 28-05-1741. Filha de Francisco de Ávila Fagundes (+ 23/06/1759) e Maria Alves Barbosa da Porciúncula. Dª Maria de Nazaré casou à revelia do pai, sendo deserdada em testamento paterno ditado aos 05-04-1759 no Sítio das Carrancas (MRSJDR Cx. 363). Foram moradores inicialmente em Serranos e a partir de 1798 em Monte Alegre do Sapucaí. Viúva, Dª Maria de Nazaré faleceu em Nossa Senhora do Patrocínio das Caldas, sendo sepultada aos 16-11-1819 (família “Maria Alves de Porciúncula”) O Cap. Germano José da Silva Freire, poderoso latifundiário do “sertão de Carrancas”, foi o inventariante de sua sogra, Dª Maria Alves Barbosa da Porciúncula (+ 16-08-1778) inventário aberto em 1798 (MRSJDR Cx. 354); VIII – Manoel da Silva Freire casado aos 16-02-1756 em Baependi com Vicência Maria Leite de Mendanha.

(4) O arraial de Santa Rita do Rio Abaixo teve suas origens por volta de 1713 com a construção de uma primitiva capela. A primeira referência documental de Santa Rita consta na certidão de batismo de Domingos da Silva Xavier, irmão mais velho de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ocorrido em 25 de junho de 1738.

# MARGARET MEE E SUA CONTRIBUIÇÃO ARTÍSTICA PARA A CIÊNCIA NO BRASIL



“Sei que a minha morte não significará o fim do meu trabalho. Onde quer que esteja, tentarei influenciar aqueles que estão destruindo o planeta, para que deem à natureza uma hipótese de sobreviver” (Margaret Mee).

Margaret Úrsula Mee, artista botânica inglesa que se especializou em plantas da Amazônia brasileira, nasceu em Chesham aos 22 de maio de 1909<sup>(1)</sup>. Estudou artes na St. Martin's School of Art no Centre School of Art e na Camberwell School of Art, todas em Londres, recebendo o diploma de pintura e design em 1950.

Mudou-se para o Brasil, em companhia de seu 2º marido, Greville Mee, em 1952 para ensinar arte na Escola Botânica de São Paulo, passando, a partir de 1964, a explorar a floresta tropical, mais especificamente o Estado do Amazonas, pintando as plantas que via, colecionando algumas para posterior ilustração. Criaria, assim, quatrocentas pranchas de ilustração em guache, quarenta sketchbooks e quinze diários, um dos mais importantes acervos que se conhece sobre a flora amazônica.

Devotou 30 anos de sua vida a viajar acima do rio Amazonas e de seus vários tributários (afluentes), realizando expedições onde coletou e pintou inúmeras plantas da Amazônia, nomeadamente orquídeas, bromélias e outras espécies da flora tropical. Fazia suas viagens, muitas vezes sozinha, vivendo durante sua estadia com índios na floresta. Enfrentou muitas dificuldades como cansaço, surtos de malária, hepatite, cheias, acidentes, contato com anacondas gigantes, ataques noturnos de morcegos etc. Relata em seus diários que chegou a ficar horas aguardando no escuro o desabrochar de uma flor rara. Exploraria ainda muitos outros lugares da Europa e da América do Norte. Apesar de não ser uma botânica profissional, tinha um vasto conhecimento de plantas, combinando perfeitamente a expressão artística com a natureza, a ecologia e a ciência. Sua elevada sensibilidade artística, aliada ao rigor técnico dos desenhos e à sua personalidade, alertaram o mundo para o perigo da extinção de centenas de espécies, ameaçadas pela devastação das florestas do Brasil.

Residiu durante algum tempo em Belém do Pará. Em 1968, passou a morar no Rio de Janeiro, a convite do paisagista e botânico Roberto Burle Marx, responsável por inúmeros jardins e parques públicos da capital carioca, neles utilizando plantas tropicais. No Rio de Janeiro, trabalharia ainda com Guido Pabst, especialista em orquídeas e que ilustraria algumas de suas obras sobre orquídeas brasileiras. Nas décadas de 1960 e 1970, foi uma das primeiras personalidades a denunciar ao mundo a destruição de ecossistemas e a devastação da Amazônia, estimuladas pelo regime militar que se instalou no Brasil em 1964.

A sra. Mee morreu aos 30 de novembro de 1988 em Seagreve (Leicestershire), Inglaterra, vítima de um acidente de automóvel. Em sua honra, foi fundada a “Margaret Mee Amazon Trust”, organização para a educação, pesquisas e conservação da flora amazonense, promovendo intercâmbio para estudantes de botânica e ilustradores de plantas brasileiras que desejam estudar no Reino Unido ou conduzir pesquisas de campo no Brasil.

Obras: “Bromélia de Santo Jesus”; “Bromélias brasileiras”; “The Flowering Amazon: Margaret Mee paintings from the Royal Botanic Gardens”; “Flowers of the Amazon”; “Flowers of the Brazilian Forests”; “Margaret Mee's Amazon: Diaries of an artist explorer”; “Margaret Mee in search of flowers of the Amazon Forests: Diaries of an English Artist reveal the beauty of the vanishing rainforest”; “Margaret Mee: Return to the Amazon”; “Margaret Mee's Amazon: Paintings of plants from Brazilian Amazonia”

## NOTAS

(1) Margaret Mee sempre teve orgulho de suas origens. Era filha de George John Henderson Brown e Elizabeth Isabella Churman, tendo ainda mais três irmãos: John, Isabel e Cath Brown. Desde cedo, manifestou grande talento para o desenho, tendo recebido de sua tia Ellen, uma artista ilustradora de livros infantis, uma grande influência. Entre 1915, ano em que seu pai foi lutar na I Guerra Mundial, e 1922, residiu com a família na cidade de Howe.

Entre 1922 e 1925, frequentou o Liceu do Dr. Challoner, dali saindo com o certificado de educação geral e apta a prosseguir na carreira acadêmica. Sempre demonstrou uma personalidade rebelde, avessa às convenções, decidindo viver em Londres. Ali conheceu Reg Bartlett, seu 1º marido e fervoroso adepto das teses sindicais e comunistas, tendo a sra. Mee, assim, se filiado ao partido comunista inglês e seu membro ativo, pois era excelente oradora. Desenvolveria, nos anos 30, inúmeras ações sociais e políticas, dedicando-se a causas como a luta contra a pobreza, a guerra civil espanhola e o movimento fascista na Inglaterra, algo incomum – e até irreverente – para uma mulher à época.

Após a 2ª Guerra Mundial, alterou suas convicções. Frequentou a Escola de Art St. Martin, onde conheceu seu 2º marido, Greville Mee (1947), frequentando ainda a Escola de Arte de Camberwell, onde se tornaria professora, convivendo com Victor Pasmore, um dos melhores pintores britânicos e que exerceria grande influência artística sobre ela.

# PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

## 1914/1918

### 100 anos de término

Iniciada em 28 de junho de 1914, perdurando até 11 de novembro de 1918, a denominada Primeira Guerra Mundial envolveria as grandes potências da época. De um lado, os aliados Reino Unido, França e Império Russo – inicialmente denominados “Tríplice Entente” – e de outro o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e os Impérios Centrais. Uma das mais maiores e mais sangrentas guerras da História, mobilizando mais de setenta milhões de combatentes, em sua maioria europeus. A guerra se espalharia pelas colônias europeias em outros continentes. Cerca de nove milhões de soldados mortos, em grande parte pelo uso de novas e mortíferas tecnologias e pela letalidade das armas como tanques, aviões, metralhadoras e gases químicos. Seria inicialmente um movimento de tropas, tornando-se posteriormente uma guerra de trincheiras, com soldados enfiados, por centenas e centenas de dias, em buracos em meio à lama, fome, doenças, ao implacável fogo inimigo aguardando o momento da morte.

**Causas principais da Guerra:** I - atuação agressiva e políticas imperialistas das grandes potências da Europa, como o Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Império Russo, Império Britânico, Império Otomano, a Itália, a Terceira República Francesa, colonizando, disputando entre si e espoliando povos e continentes; II – O assassinato do Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono da Áustria-Hungria em 28 de junho de 1914 por um nacionalista sérvio em Sarajevo (Bósnia), o que gerou um ultimato do Império Austro-Húngaro ao Reino da Sérvia, que seria invadida em 28 de julho, seguindo-se a invasão alemã à Bélgica e depois à França, tornando-se a frente ocidental, por meses e anos, uma guerra de trincheiras. Na frente oriental, constantes embates entre forças russas e austro-húngaras e ainda contra tropas alemãs. Novas frentes surgiriam com a entrada do Império Otomano (1914), Itália e Bulgária (1915), Romênia (1916), Estados Unidos (1917). Outros se afastariam do conflito como a Rússia, com a tomada do poder pelos bolcheviques (comunistas) em 1917. Os aliados, com a maciça presença de forças americanas, após bem sucedidas ofensivas, conseguiram em 1918 romper as trincheiras alemãs, que, concordaram com um armistício assinado em 11/11/1918.

Ao final da Guerra, quatro grandes impérios deixaram de existir – alemão, russo, austro-húngaro e otomano, o mapa europeu seria redesenhado, surgindo vários países menores, em especial na Europa Central. Esforços, através da Liga das Nações (precursora das Nações Unidas) no sentido de pacificar as relações entre os estados, evitando-se novos conflitos, viriam a falhar, em função do exacerbado nacionalismo em vários países, a depressão econômica, as repercussões da derrota da Alemanha e problemas advindos do Tratado de Versalhes.



## A SAGA ‘O SENHOR DOS ANEIS’ E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A saga “O Senhor dos Anéis” retrata e transmuta, de forma ficcional, mitológica e alta fantasia, os cenários e horrores da 1ª Guerra Mundial, em que o autor J.R.R.Tolkien, sul africano naturalizado britânico, atuou como soldado. A história narra o conflito entre o bem e o mal, influenciado e envolvido pelos fatos vivenciados por Tolkien durante o tétrico conflito. O autor mesclaria, para tanto, mitologia grega e nórdica, filologia, fantasia, alegorias cristãs, em que o anel – fulcro de toda a saga – simboliza a fuga...

Ao retornar para casa em 1919, encerrada a guerra, Tolkien se tornara frustrado, cético quanto ao futuro e às revoluções tecnológicas. A guerra continuava a ressoar como um ferro puro em sua imaginação. O escritor empregaria a mitologia para analisar a mortalidade, o medo, a coragem, a esperança, o desespero, uma entrelaçada relação entre vida e morte, como no desesperador e escuro clímax em O Habbit, dilacerada visão do ser humano em que uma única instituição sobrevive: a amizade.

## “CEM ANOS DA GRIPE ESPANHOLA” – A MAIOR PANDEMIA DA HISTÓRIA

Há 100 anos (1918), a gripe espanhola infectou um terço da humanidade, matando milhões de pessoas e levando o pânico a todos os continentes, que ainda se recuperavam dos horrores da 1ª Guerra Mundial (1914-1918) Foi ela a mais mortal pandemia, o maior assassino global de que se tem notícia até os dias atuais. Ainda hoje discute-se quanto à sua origem – para alguns teria surgido na China, para outros entre militares americanos que combatiam na Europa. Sua letalidade seria altíssima entre soldados e jovens, provavelmente devido às altas taxas de desnutrição à época (1ª Guerra Mundial).

Cientistas alertam que a humanidade necessita extrair lições da “gripe espanhola”, pois alterações demográficas, mudanças climáticas, resistência a antibióticos poderão provocar novos surtos pandêmicos. Tivemos já a gripe asiática de 1957, a gripe de Hong Kong de 1969 e o surto de gripe suína de 2009. Sabe-se que, além de idosos, pessoas com obesidade, diabete tiveram maior probabilidade de serem infectadas e hospitalizadas ou seja contam com menor imunidade, eis o que afirmam as dr<sup>as</sup>. Carolien van de Sandt do Instituto Peter Doherty e Kirsty Short da Universidade de Queensland.

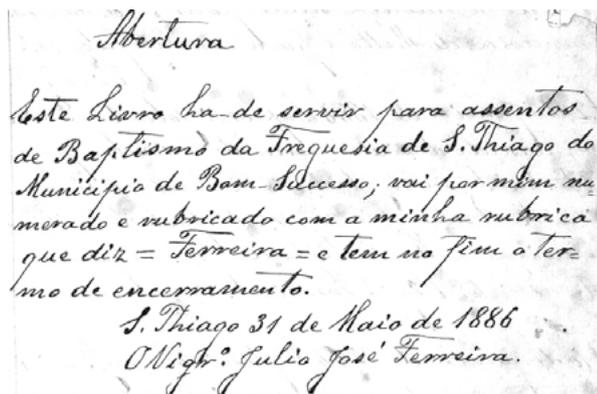
À época da “gripe espanhola”, que matou mais de 50 milhões de pessoas, observou-se que os mais velhos saíram-se melhores contra a cepa do vírus do que os adultos mais jovens, provavelmente pelo fato de que os cidadãos mais velhos acumularam, ao longo da existência, alguma imunidade por meio de infecções anteriores. Muitos pacientes, mesmo infectados, conseguiram sobreviver e outros apresentaram sintomas leves. Isso numa época em que não havia antibióticos e os índices de desnutrição eram altos, especialmente nos países diretamente envolvidos na guerra.

Os riscos de uma nova pandemia, como mutação genética, resistência a antibióticos, sua disseminação num mundo de megacidades e de viagens aéreas globais, são preocupantes e imprevisíveis, a partir das observações dos cientistas. Assim o vírus influenza H7N9 aviário que chega a matar 40% das pessoas infectadas, mesmo não sendo transmissíveis de pessoa para pessoa. Faz-se necessário que governantes usem o poder comunicativo, em especial da internet, para espalhar orientações preventivas e educativas, como resposta pública para se salvar vidas.

# REGISTROS RELIGIOSOS DE SÃO TIAGO

Livros de batizados, casamentos, crismas e sepultamentos contam um pouco da história do início da população são-tiaguense desde a fundação da Paróquia de São Tiago no ano de 1855.

Com exceção do Egito e Grécia antigos que faziam registros de nascimentos e mortes, a Igreja Católica foi responsável pelos primeiros registros de pessoas no mundo por meio dos sacramentos em várias



etapas da vida das pessoas, desde o nascimento até o falecimento.

Nos livros podem constar várias informações em formato de narrativa sobre a vida do fiel, como nascimento, data da realização do sacramento, local, celebrante, nome dos pais e padrinhos. São muitos os registros que traz em sua essência a celebração de uma data importante, de pessoas que são chamadas para testemunhar junto aos afilhados, a fé, o amor e a amizade — os padrinhos!

Somente em 1889, com Proclamação da República, houve a dissolução entre a Igreja e o Estado. Com isso, os Cartórios de Notas passaram a fazer também os registros civis referentes à vida pública dos cidadãos. Mas a Igreja Católica continuou fazendo os assentamentos religiosos de seus fiéis dentro das formalidades e normas do direito

*Aos 6 de Janeiro de 1893 baptizei solememente a innocente Maria, nascida a trinta de Dezembro proximo findo, filha legitima de José Candido Marques e Maria Felisberta de Jesus, sendo padrinhos eu baptizante e Marianna Candida de Jesus e hava constancia de este assento. Vigário Ferreira.*

canônico.

Neste pequeno rincão mineiro, a Paróquia de São Tiago pertenceu às dioceses de Mariana, Belo Horizonte e, atualmente, Oliveira, mas desde a sua fundação mantém seus registros organizados no Arquivo Paroquial. Sendo assim, fazem parte do acervo de assentamentos religiosos: 20 livros de batizados, 7 livros de casamentos, 4 livros de crismas e outros de sepultamentos.

Além dos momentos felizes, os assentamentos religiosos também registram o passamento dos entes queridos por meio do sepultamento. Todos esses momentos fazem parte da vida.

Os assentamentos religiosos da Igreja Católica pelo mundo e, sobretudo, os do Brasil até 1888, são fontes importantíssimas para a pesquisa genealógica.

Marcus Santiago  
Membro IHGS



## CEMITÉRIO DE CARROS

Ainda criança, um dos pontos turísticos em São Tiago que frequentávamos era a antiga Capela de Fátima, hoje transformada em Santuário Deus e Pátria/Igreja do Senhor Bom Jesus dos Montes. Lugar simples, tranquilo e de grande valor histórico e cultural.

Para quem morava no Cerrado, chegar lá era muito demorado. Havia poucas casas do lado direito da rua e do esquerdo era ladeada por uma imensa plantação de eucaliptos que tinha em seu meio carros velhos, latarias de Fusca, Variant, Corcel, Rural e outros modelos... Tudo já deteriorado, enferrujado e destruído pela ação do tempo...

Ao subirmos para passear no templo eu ficava imaginando por que ali tinha tantos carros velhos... Alguém da minha família sempre dizia:

— Aqui é um cemitério de carros. Não têm mais utilidade, então são jogados aqui...

Não sabia quem jogava aquela lataria velha ali. Mas, nos anos que íamos lá, os carros velhos estavam jogados fora, caídos no esquecimento. Às vezes, aparecia mais um por ali...

Mas, no fundo, cada modelo tinha um significado para quem foi seu dono. Embora não se visse essas imagens, entendia-se que tudo o que foi construído um dia estava ali dentro sepultado. Lugar silencioso como se fossem túmulos. Embora estáticos, serviram um dia para passeios, encurtar distâncias, trabalho. Esse lugar sempre me chamava atenção. Era só parar e ficar olhando que se via uma beleza no que foi e para que serviu cada carro, mesmo ainda que eu estivesse na tenra infância.

— Ah, se estas carcaças falassem! Quantas histórias? Quantas lembranças? Quantos sonhos? Quantos desejos de liberdade?

O tempo é realmente implacável: não segura nada e tudo que acontece, muda. Hoje, o cemitério de carros não existe mais, o cenário é outro, deu lugar a casas, prédios, comércio e a rua foi asfaltada... Mas não deixo de me lembrar da subida até a Capela... Estrada de terra, cascalhos, eucaliptos, no seu meio as carcaças de carros jogadas fora aleatoriamente e, ao longe, o lugar do nosso passeio: a Capela.

Marcus Santiago  
Membro IHGST



# CARACTERÍSTICAS DO POVO BRASILEIRO

Nossa história é um complicado e multissecular mosaico de problemas, distorções cumulativas e instabilidades institucionais. Culpa nossa, em especial e em considerável parte pelo subdesenvolvimento político. Um País dotado de notáveis reservas e riquezas naturais, mas não se preparou para lidar com dificuldades ou com planejamento estratégico. No trabalho, no exercício de funções, não gostamos de seguir regras, não damos importância a detalhes comportamentais, como pontualidade, o cumprimento de prazos, além da negligência quanto à produtividade, a meritocracia, algo inaceitável em outros países e culturas. O viver de recessos e pontos facultativos, o “enrolar” o serviço, feriados inventados, o “tirar vantagem”, o ganhar sem a correspondente produção, as mordomias vergonhosas. Há uma carência coletiva de responsabilidade, da busca pela construção de nosso próprio destino, e ao invés disso, temos o péssimo hábito de externalizar e terceirizar a culpa, como é praxe entre nós. Lembremos daqueles que, comodamente, viviam – alguns ainda vivem - a culpar os americanos pelo nosso atraso. “No Brasil, gerir a coisa pública é um eterno varejo” (Roberto Campos, economista e diplomata).

Para estudiosos, um dos aspectos mais instigantes – e mesmo exagerados - quanto ao comportamento do brasileiro é a denominada inércia, comodismo, descompromisso, daí à classificação extensiva de preguiça, omissão. Indiferença e apatia quase que rotineiras. Viajantes estrangeiros, dada sua visão eurocêntrica, que atravessaram o território nacional nos séculos XVIII e XIX são quase unânimes em apontar a ociosidade e miserabilidade dos moradores. O aceitar passivamente as coisas como são e estão, por mais perturbadoras e absurdas. O tolerar os maiores absurdos vindos do Poder Público. O empurrar as coisas com a barriga. O cientista Louis Agassir anotou sobre “o hábito nacional de tudo deixar para o dia seguinte” – (*Viagens ao Brasil 1865-1866, S. Paulo, Ed. Nacional, 1938, p. 36*).

Assim, a alienação, a fuga, eis opções atraentes para muitos patricios. Somos produtos do messianismo ou sebastianismo, sempre na expectativa de que alguém agirá, nos solucionará os problemas. A excessiva, ingênua confiança na habilidade do Estado

- sabidamente corrompido entre nós - em produzir o bem estar comum, em criar uma nova ordem social. Ainda não aprendemos que nada substitui a atuação do cidadão, de que todos precisamos agir com sobriedade, com espírito cívico e participativo, de que temos e devemos exigir transparência, equidade, eficiência na gestão pública. O poder político é relativo, é francamente corruptível, quando não perverso. Daí necessário entender que a Pátria não será salva por lideranças radicais, carismáticas ou propostas messiânicas e sim pela prática da cidadania, por nossa ostensiva participação.

Há quem diga que o estado colonialista brasileiro é inalterável. Do colonialismo político português passamos ao colonialismo econômico inglês e posteriormente ao americano. A indústria brasileira, é bem verdade, sempre foi abortada no período colonial por decretos régios portugueses que tinham como objetivo a concessão de privilégios de nação favorecida à sua protetora, Inglaterra. Nosso mercado passaria a ser abarrotado de inutilidades, impedindo o desenvolvimento de nosso parque industrial, por mais incipiente. Mas já se passaram quase duzentos anos de nossa independência...

A nossa propalada indolência, seja física ou ainda moral, é também sinônimo de esperteza, do auferir vantagens à custa dos outros, da natureza, do Estado. Eis aí o agarrar-se ao poder público, a direitos “legais” a si mesmos concedidos - e para si exclusivamente criados - ainda que à custa da espoliação do povo, da miséria secular de gerações, vítimas de tremendas desigualdades e abusos. Não é este o retrato dos maus políticos, maus empresários, “gorduchos” servidores de todos os escalões que multiplicam cinicamente seus já supersalários e mordomias de toda ordem?! Não se estende, por vezes, ao cidadão comum, ávido por empregos e “encostos” nas burras do Poder Público ou de marotamente viver de expedientes e negócios oportunistas, inclusive a predação ambiental?

Viana Moog em seu clássico “Bandeirantes e Pioneiros”, no qual faz um paralelo entre as duas civilizações americanas, do norte e do sul, ou seja entre os pioneiros americanos e os colonizadores brasileiros, atribui o fato da indolência ao “mazombismo”. O mazombo era o português nascido no Brasil, que se julgava apenas com direitos, sem deveres. Alguém superior, autossuficiente, por



direito reinol e para quem o trabalho era algo vergonhoso, próprio de escravos e negros da terra. De mentalidade extrativista e patrimonialista, o tirar da terra, da nação, dos outros (eis a nefanda escravidão), pelos meios os mais capciosos, sem esforço próprio, burlando normas ou criando-as a seu único favor – não é este o retrato de considerável parte do País, a começar dos régios gabinetes e pomposas tribunas?!

Para autores como Silvío Romero, em si preconceituosos, por força do consórcio entre “a velha população latina bestamente atrasada e infecunda e de africanos indolentes”, “o brasileiro ficou um quase retrato do português”. A mestiçagem, a diversidade sociocultural-étnica gerando uma nação descaracterizada, informe. Vários outros pensadores como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha se debruçam sobre a construção nacional, atribuindo nossas deficiências a aspectos geográficos e biológicos (raciais). Há, ademais, quem atrele a “indolência” a causas climáticas como o calor excessivo e intenso dos trópicos. Mesmo personagens folclóricos como Pedro Malazartes e literários como Macunaíma, “o homem sem caráter”, são retratos de nossa índole “inocente”, omissa, oportunista.

Vários outros pensadores como Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Roger Bastide, Octávio Ianni, Emilia Viotti da Costa mostram, em seus elaborados estudos como nosso passado colonial agrário, eivado de atitudes viciadas, trocas de favores, de um Estado entregue aos interesses privados, gerou a formação de relações aparentemente “cordiais”, ditas “harmoniosas”, mas que escondem um Estado hipócrita, autoritário e uma sociedade violenta, ardilosa. Darcy Ribeiro, um dos mais lúcidos pensadores brasileiros, observa, contudo, com outros olhos: “Surgimos da confluência, do entrelaço e caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais dispares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. Novo, inclusive pela inverossímil alegria e

espantosa vontade de felicidade, de um povo tão sacrificado que alenta e comove a todos os brasileiros”.

Encontramos, é verdade, argumentos geralmente eugenistas, preconceituosos, próprios da ideologia colonialista, contra raças indígena-americanas e principalmente negras. “Esta gente é tão preguiçosa, tem tão poucas necessidades, que parece mister começar refundando-a moralmente. Ora, sabe-se que é na reforma moral que as administrações encontram os maiores obstáculos. Os padres, as escolas podem talvez servir-lhe de agentes, mas aqui não há escolas e apenas alguns padres ignorantes ou escandalosos” (L. F. Tollenare – “Notas dominicais tomadas durante viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818”, Salvador, Ed. Progresso, 1956, p. 247).

Vivemos séculos de crises ininterruptas, debilitantes. Nossos governantes e instituições, salvo raras exceções, não tem credibilidade, merecendo o desprezo surdo da população extorquida. Uma chaga pútrida carcome nossa vida política, empresarial e institucional. Desesperança, decepção, angústias, traumas nacionais, aflições coletivas que se acumulam... Poderíamos dizer como o profeta Jeremias: “Passa a sega, finda o verão e nós não estamos salvos. Estou quebrantado pela ferida da filha do meu povo: estou de luto e o espanto se apoderou de mim” (Jr 8,18-21).

Segundo o teólogo Karl Barth, a preguiça maior e mais perniciosa do ser humano, não é a preguiça de trabalhar, mas a preguiça moral, aquela em que cedemos nossa consciência ao outro, não assumimos nossa responsabilidade diante do mundo e da vida, renunciando e abdicamos de nossa atuação social-cidadã. Não nos envolvemos, não crescemos como indivíduos e cidadãos. Levamos a vida de forma descompromissada, indolente, comodista, omissos. Julgamo-nos sempre com “direitos”, no cômodo pressuposto de que os problemas serão solucionados pelo “governo” ou pela “religião” a quem cabe – na nossa estreita visão – “consertar as coisas”. Daí o espaço público ser ocupado, via de regra, por demagogos, larápios, corruptos, maus administradores e mesmo dúbios julgadores e tribunos, pois deixamos-lhes terreno fértil onde se esbaldam, mazombistas felizes ante a grande maioria da população espoliada.

# A CEGONHA AMARELA

(CONTO POPULAR CHINÊS)

Traduzido do russo por Francisco José dos Santos Braga



Dizem que outrora vivia em Fuzhou um estudante pobre. Ele era tão pobre que não podia nem mesmo pagar por uma xícara de chá. Ele se chamava Mi. Teria morrido de fome, se não fosse o dono de uma casa de chá. Este teve pena de Mi e graciosamente lhe deu chá para beber e o alimentou.

Mas, um dia, Mi veio ao proprietário e disse:

-Estou indo embora. Eu não tenho dinheiro e não posso pagar por tudo que bebi e comi aqui. Mas eu não quero ser ingrato. Olha aqui!

E tirou do bolso um pedaço de giz amarelo e desenhou na parede do salão de chá uma cegonha amarela. A cegonha estava absolutamente como viva.

- Esta cegonha — disse Mi — trará a você dez vezes mais dinheiro do que eu devo. Toda vez que as pessoas se reunirem em seu salão de chá, você deve bater palmas três vezes. Então a cegonha vai sair da parede e dançar. Mas você nunca deve fazê-la dançar para uma pessoa sozinha. Se você a obrigar a dançar para uma única pessoa, ela vai dançar pela última vez.

No dia seguinte, quando muita gente se juntou na sala de chá, o dono bateu palmas três vezes e a cegonha saiu da parede e começou a dançar. Os convidados estavam surpresos e não acreditavam

em seus olhos.

Desde então, na sala de chá sempre se reuniam muitos clientes e o proprietário ficou muito rico.

Mas eis que, um dia, no salão de chá entrou um rico. Ele veio olhar a cegonha, da qual ouvira falar muito. Colocou muito dinheiro sobre a mesa e forçou o dono a mandar embora todas as pessoas da sala de chá.

- Eu quero sozinho olhar a cegonha — disse ele. O dono viu o dinheiro e esqueceu o que o estudante lhe dissera. Bateu palmas três vezes e a cegonha saiu da parede. Ela tinha a aparência triste e doentia. Dançou apenas uma dança e voltou para o seu lugar. O dono ficou zangado, gritou, mas não pôde fazer nada.

E, à noite, alguém bateu na porta da casa de chá. O dono abriu a porta e viu o estudante Mi, de pé e calado. Depois, o estudante Mi tirou uma gaita do bolso, tocou-a e foi-se embora. A cegonha saiu da parede e foi atrás dele.

Desde então, ninguém nunca mais viu o estudante Mi e sua cegonha amarela.

fonte: [bragamusician.blogspot.com/2018/07/a-cegonha-amarela-conto-popular-chines.html](http://bragamusician.blogspot.com/2018/07/a-cegonha-amarela-conto-popular-chines.html)



# COLHENDO ESPIGAS NO SÁBADO

Os discípulos de Jesus comeram espigas no sábado porque tinham fome, atitude plenamente aprovada pelo Mestre (Mt 12:12). Um tema, como tantos outros protagonizados por Jesus, que intrigam os estudiosos até os dias atuais. O colher espigas com as mãos no campo de qualquer proprietário era permitido (Dt 23:25). E ainda; os restos das lavouras são para alimentar o estrangeiro, o órfão e a viúva (Dt 24: 19-20). Após as colheitas, a chegada dos sacerdotes com a arca da aliança ao Jordão (Josué 3:15). Boaz, um rico fazendeiro, orientou seus empregados que colhiam suas lavouras de cereais: “Deixai algumas espigas para que ela (Rute) as apanhe e não a repreendais” (Rt 2:15-16). Enquanto recolhia trigo, Rute preenchia – e ser-lhe-ia preenchido – o coração pelo amor de Boaz. “A hora do almoço, Boaz chamou-a para sua mesa e serviu-a abundantemente, mais do que ela podia comer”. Não só Rute, mas também o rei Davi e o patriarca Abraão são mencionados colhendo grãos.

Quem vai ao campo colher espigas, muitas vezes derrubadas e espalhadas pelas searas, tem que se curvar para fazê-lo. É algo que não se consegue fazer de pé. O apanhador geralmente tem fome, desprovido de recursos e necessita dos grãos para alimentar seus filhos. Ao se abaixar, ao expor cabeça e costas, quem recolhe denota humildade de coração, atraindo assim a bênção e compaixão de Deus, que ali nos oferta Seu Dom, Seu Ritmo, Sua Misericórdia para todos nós, Seus filhos. No campo de Deus, que é o universo e toda a vida que o impregna, há abundância de grãos, a que podemos recolher, ajuntar sem limites, independente de ser lavoura em solo alheio.

Gideão, escondido, ao malhar o trigo no lagar, sentira intenso medo dos inimigos midianitas. O Senhor apareceu-lhe e disse: “O

Senhor é contigo, homem valente!” Deus disse-lhe isso, não porque Gideão conseguira grandes vitórias sobre os inimigos, mas justamente no instante em que ele sentia medo, pânico. A perspectiva de Deus é diferente da nossa. Enquanto Gideão se via acovardado, Deus o enaltecia por ser valente” (Jz 6: 11-17).

Todos os frutos tem casca e miolo – e este é doce, nutritivo, por vezes refrescante. Deus revela Seu Amor através de Sua Palavra – a espiga cheia e quando madura, o Senhor permite-nos colhê-la. Momento deleitoso, aprazível, jamais enfadonho e sem jugos ou fardos. Colher espigas no sábado era algo frio para os fariseus, escudados na letra que mata. Jesus comparou o fato (a atitude dos fariseus) ao ato de Davi, que quando teve fome, entrou no templo e se alimentou dos pães do altar, o que era somente permitido aos sacerdotes, dizendo enfaticamente: - “Aqui está quem é maior que o templo” Ou seja, a lei e juízo divinos acham-se acima dos preceitos humanos. As normas devem existir para que a vida humana seja mais plena, digna, não para incriminar, discriminar.

Os jovens Aimaás e Jônatas e o exército de Davi foram salvos de uma emboscada do exército de Absalão porque uma mulher escondeu os jovens num poço, disfarçando o local, ao espalhar grãos de cereais sobre a tampa (II Sm 17: 18-19).

“Aqueles que colheram o trigo dele comerão e louvarão o Senhor e aqueles que recolheram as uvas delas beberão nos pátios do meu santuário” (Is 62:9).

“Será como quando um ceifeiro ajunta o trigo e colhe as espigas com o braço, como quando se apanham os feixes de trigo no vale de Refaim” (Is 17:5).

“O meu amado desceu ao seu jardim de especiarias para descansar nos canteiros e colher lírios” (Cântico dos Cânticos 6:2).

## Expressão **BATER ROUPA**

É uma expressão comum ao futebol (gíria futebolística) quando o goleiro deixa a bola escapar, ao tentar agarrá-la com as mãos, deixando-a em jogo e aumentando o perigo do time que está na defesa, inclusive de levar o gol indesejado ou fatal. Ocorre geralmente quando a bola bate no peito e as mãos atuam fora do tempo para prendê-la. Tem o sentido de “complicar-se”, “expor-se”, “arriscar-se”, situações em que o goleiro fica exposto a críticas, cobranças e mesmo motejos.

Provavelmente, tenha correlação com o ato ou movimentos de “lavar roupa”, onde, antigamente, batia-se a roupa contra uma superfície (pedra, tanque) para soltar a sujeira. Segundo alguns, a expressão teria origem nas repúblicas de estudantes, onde praticamente todos eram solteiros, que se viam com a improvisada e forçada obrigação de lavar suas próprias roupas (época em que não havia lavadora automática e o dinheiro, para muitos, era curto para pagar lavadeira ou lavanderia). O ritual exigia separar peças de roupas na hora de lavar, verificar e remover as que estavam com manchas ou defeitos, e o mais pesado ou o mais constrangedor, bater as peças, o que os tornava alvo de brincadeiras, chacotas e constrangimentos. E ainda havia o secar, as roupas expostas no varal, o passar...

# O HOMEM DA CAPA PRETA

Pessoas contemporâneas de Pe. José Duque de Siqueira, que vivem na região de São Tiago, contam inúmeros casos, fatos acontecidos e vivenciados por esse grande sacerdote, homem de Deus e homem do povo.

Uma dessas narrativas diz que, certa vez, Pe. José precisou se ausentar da paróquia por alguns dias deixando em seu lugar o amigo, companheiro e irmão no sacerdócio, Pe. Marciano Siqueira. Nesses dias, uma família residente na zona rural, temente a Deus e de tradição cristã católica trouxe um de seus parentes “possuído pelo demônio” para que o padre o libertasse desse mal.

O rapaz, antes carinhoso, educado, respeitoso e amigo de todos, estava agora física, mental, psíquica e emocionalmente irreconhecível. Agressivo e violento, batia no pai e na mãe e, usando palavras de baixo calão, desrespeitava irmãos, agregados e visitantes. Quase sempre nu, escalava morros, valos e barrancos; pulava cercas de arame farpado; sem saber nadar, entrava em rios e lagoas; enfrentava vacas e touros bravos; assassinava porcos, gatos, cachorros, galinhas. Familiares e amigos se revezavam vigiando-o de longe, ininterruptamente. Foi então que os familiares foram orientados a levá-lo até Pe. José Duque, pois esse faria uma “reza” milagrosa e o livraria desse espírito imundo.

Com muito sacrifício deslocaram-se da fazenda, a algumas léguas da vila de São Tiago, e, depois de quase um dia de viagem trazendo o pobre e inquieto rapaz, praticamente amarrado no lombo do burro mais manso que conseguiram, chegaram ao destino previsto.

Conforme o costume, foram muito bem acolhidos na casa do Pe. José Duque pela sua irmã, D. Erundina que, imediatamente, informou-lhes a ausência do irmão, apresentando-lhes Pe. Marciano que ele havia deixado para substituí-lo nas celebrações e em todas as necessidades mais urgentes.

Pe. Marciano logo se inteirou do caso percebendo de antemão a agitação daquele jovem rapaz. Com misericórdia e paciência paternas, pediu a todos que aguardassem na cozinha e, convidando amigável e carinhosamente o rapaz, adentrou-se com ele num quarto onde havia várias imagens num enorme oratório ricamente ornado. O rapaz, assustado, observou de relance tudo a sua volta e, caindo de joelhos aos pés do sacerdote, disse quase sussurrando:

- Sua bênção, padre.

Padre Marciano, surpreso pela mudança brusca de comportamento do seu interlocutor, inocentemente respondeu:

- Que Deus te abençoe, meu filho!

Foi aí que tudo se transformou. O rapaz deu um pulo do chão quase atingindo o teto, ameaçando agredir o padre com braços, pernas, unhas e dentes. Ameaçava quebrar tudo o que via no quarto e gritava incontrolavelmente:

- Que abençoe que nada. Quem que ocê é? Ocê num é nada. Num é ninguém. Num tenho medo docê. Ainda se fosse o outro home de capa preta...

E, ainda gritando, soltou uma enxurrada de terríveis palavrões, possíveis e cabíveis para aquela ocasião.

Imediatamente casa e quarto se encheram de gente amiga e curiosa para presenciar, testemunhar ou ajudar no que estava se passando na casa do Pe. José Duque em sua ausência. O rapaz foi levado de volta para sua casa sob a tristeza e desânimo de todos.

Ao voltar da viagem, Pe. José logo tomou logo conhecimento do fato. Entristecido e solidário com a dor da família, no mesmo dia, mandou o sacristão, Joaquim Marques, a um cavalo, até a fazenda, comunicar sua volta e dizer-lhes que trouxessem, sem demora, o rapaz a sua presença.

Depois de três dias e de mais uma longa, sacrificada e cansativa viagem, chegaram à casa do padre. Recepção, acolhida e cumprimentos como da outra vez. Olhando de frente para o sacerdote, o rapaz tinha agora uma aparência mais humilde e desconfiada.

Chamado ao quarto relutou com um gesto, mas silenciosamente a acompanhar o anfitrião. Pe. José, então, gritou com voz forte e autoritária, surpreendendo e assustando a todos:

- Venha.

É acompanhado silenciosa e humildemente. Porta fechada, padre de pé, rapaz observando, num relance, tudo à volta. Rapidamente se ajoelha. Sem dar-lhe tempo, Pe. José Duque grita a plenos pulmões:

- Saia!

O rapaz deita-se, esperneia, se contorce, resmunga, diz palavras desconexas. Tudo ocorre em segundos. Pe. José apanha um relho atrás da porta, dá uma fortíssima lambada no chão gritando corajosa e autoritariamente:

- Saia!

Mais palavras incompreensíveis. Outra lambada. Mais gritos. Sussurros. Silêncio...

Deitado no chão, enrolado em seu próprio corpo, cabeça escondida entre as pernas, o rapaz chora convulsivamente. Pe. José Duque, sentado em um banquinho, silencioso e atento, observa. Talvez faz uma oração de ação de graças a Deus pela sua coragem, segurança, autoritarismo. Minutos que valem por uma eternidade. Familiares apreensivos e confiantes do lado de fora do quarto. Lentamente o choro cessa. Mais alguns minutos e o rapaz se ergue do chão dizendo:

- Sua bênção, Pe. José Duque. O que estou fazendo aqui?

- Estávamos rezando, meu filho. Vamos continuar?

Rezam o Ato de Agradecimento a Deus pela vida, pela paz da família e pela saúde de todos. O rapaz agradece e saem do quarto. Discretamente, Pe. José Duque o devolve à família recomendando que não comentem nada com ele. Reforça a necessidade de rezarem em família agradecendo diariamente a Deus por todas as graças e bênçãos que têm recebido.

Em suas andanças pelas ruas da vila e nas prosas com os amigos da farmácia, sempre alguém perguntava-lhe como tinha acontecido a expulsão do demônio do corpo do fazendeiro. Pe. José desconversava. Nunca contou detalhes para ninguém.



Carlita Maria de Castro e Coelho, julho / 2018.